A EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DE ERNESTO “CHE” GUEVARA DE LA SIERNA[[1]](#footnote-1)\*.

Francisco Ádila Ferreira de Almeida[[2]](#footnote-2)\*[[3]](#footnote-3)\*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo propor uma análise acerca da ideia de Educação Revolucionária proposta por Ernesto Guevara de La Serna, o “Che” Guevara. Tal analise leva em conta os aspectos filosóficos da obra teórica do Che. A Educação Revolucionária é uma tentativa de criar em Cuba (após o processo revolucionário de 1959), o que Guevara chama de *Homem Novo*. Tal proposta tem como suporte a utilização de um aparelho educacional direto (Ministério da educação) e um aparelho educacional indireto (a vanguarda revolucionária). O estudo e abordagem do pensamento de Che Guevara nos leva a reconhecer um dúplice caráter no objetivo final da educação revolucionária: nas crianças e nos jovens a criação de um ser consciente e ético com bases socialistas; nos adultos a criação da técnica necessária ao desenvolvimento do país.

Palavras-chave: Educação Revolucionária. Cuba. Homem Novo. Socialismo. Consciência. Técnica.

ABSTRACT

This article aims to propose an analysis of the idea of Revolutionary Education proposed by Ernesto Guevara de La Serna, the "Che" Guevara. Such analysis takes into account the philosophical aspects of the theoretical work of Che Guevara. The Revolutionary Education is an attempt to create in Cuba (after the revolutionary process of 1959), which Guevara called the New Man. This proposal is supported by the use of a direct educational system (Ministry of Education) and an indirect educational system (the revolutionary vanguard). The study and approach the thought of Che Guevara leads us to recognize a dual character in the ultimate goal of the revolutionary education: in children and young people to create a conscious and ethical with a socialist basis; in adults the creation of the necessary technical development of the country.

Keywords: Revolutionary Education. Cuba. New Man. Socialism. Conscience. Technique.

Introdução

Ao analisarmos o contexto revolucionário cubano de fins da década de 1950 e inicio de 1960 (momento histórico em que ocorreu a revolução cubana), a produção de teorias crítico-sociais na busca pelo fim das desigualdades entre os homens, independente da qualidade intelectual apresentada por cada individuo envolvido nesse processo, ganha destaque a partir do momento em que transcende a mera especulação epistemológica e passa a guia à práxis revolucionária. A filosofia, de mera espectadora do processo revolucionário passa então a agir como práxis revolucionária na busca de superar a dicotomia existente entre teoria e prática, educando os homens e os transformando em revolucionários. Assim já afirmava Karl Marx: *“A filosofia é a cabeça do processo revolucionário, o proletariado, é o seu coração”* (Marx, 2010, pag.9).Por transcender a mera especulação epistemológica (apresentada pela tradição filosófica clássica) e tornar-se prática politica (apresentada pela tradição marxista), a filosofia passa a ser encarada como revolucionária. É sobre essa tradição marxista que se edifica o pensamento de Ernesto Che Guevara.

Guevara foi o grande teórico do processo revolucionário cubano, era marxista clássico e acreditava sobremaneira na qualidade e no poder dialético do marxismo; com efeito, utilizava-se do marxismo clássico como um guia para a prática revolucionária, chegou a afirmar que o Capital seria “*Um monumento à inteligência humana”*. Che Guevara acreditava que a partir do momento em que o marxismo passa a ser o guia para a prática revolucionária, seria necessário à existência de uma educação voltada para a consolidação do processo revolucionário (baseada no marxismo e seu poder dialético), como o que estava em andamento em Cuba, tal educação seria parte integrante da formação do homem socialista.

Acreditava que todo argumento apresentado na substituição de outro argumento, deveria se mostrar interessante aos homens para que não fosse necessária a utilização da força na substituição do argumento antigo por esse novo argumento[[4]](#footnote-4). Assim o próprio Che Guevara nos afirma: “*Não é possível destruir opiniões pela força, porque isto bloqueia qualquer desenvolvimento livre da consciência*” (Guevara, 1982, pag.68).

Além de apresentar-se como interessante aos homens o argumento do pensamento revolucionário deveria, como regra, conter aquilo de mais importante no convencimento imposto por qualquer argumento, segundo Che Guevara: um código ético e moral no sentido de tal argumento.

É com a missão de apresentar aos homens os argumentos socialistas, que Che Guevara pensa a educação revolucionária; uma educação em que o objetivo final teria um caráter dúplice: a difusão das teorias socialistas para a formação da consciência dos homens e a produção da técnica.

A educação revolucionária utilizada na difusão das teorias socialistas para a formação da consciência dos homens é a esfera ética do pensamento filosófico de Che Guevara quanto à educação; a produção da técnica seria a esfera econômica.

Segundo o Che é a consciência que distingue os homens, é o que apresenta suas diferenças, já que ao atingir o mais elevado nível de consciência os homens passam a agir sempre em conformidade com o bem estar social. Nas sociedades capitalistas os homens recebem educação de forma técnica; sua consciência não é atingida pela educação (nem na escola, nem na sociedade), com efeito, são guiados pelo sentimento de produção mercantilizada. Essa educação técnica utilizada nas sociedades capitalistas não atinge a consciência dos homens justamente por ter como objetivo único a produção automatizada de mercadorias; os homens são educados para tal objetivo, esta forma de educação apenas os preparam para o mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Como antítese a esta forma de educação mercantilizada (a educação capitalista), surge à educação revolucionária de cunho socialista que prepara a consciência humana para que, ao atingir o mais elevado grau de técnica os homens não se restrinjam apenas ao mercado e sim ao melhoramento social de toda a sociedade. Em Cuba, após os acontecimentos que marcaram os primeiros anos da revolução cubana, Che Guevara foi o grande difusor e incentivador da educação revolucionária.

Para a melhor compreensão sobre o pensamento de Che Guevara a respeito da educação revolucionária é necessário à apresentação de um breve histórico sobre esse personagem.

1. Breve Histórico sobre Che Guevara.

Che Guevara vem sendo um símbolo de rebeldia em todo o mundo, tanto nos países capitalistas industriais avançados, quanto nos países menos desenvolvidos do chamado terceiro mundo. Em cada grande revolta ou manifestação nas cidades e nos campos aparece a sua imagem, particularmente nos movimentos de juventude. Guevara nasceu na Argentina mas sua história o coloca como cidadão do mundo; em especial como um cidadão Latino - Americano, já que sua possível inclinação e posteriormente adesão ao marxismo, reside em suas constantes viagens durante sua juventude pela América – Latina, em especial o período em que esteve na Guatemala durante os anos de 1953 - 1954 (cinco anos antes do triunfo na revolução cubana). Foram apenas oito meses nesse país, mas as consequências dessa passagem rápida lhe acompanharam por toda a sua vida.

Antes da experiência da Guatemala Ernesto Guevara empreendeu-se em uma viagem que lhe fez compreender melhor as disparidades existentes entre povos de um mesmo país. Em 1951 aos 23 anos Guevara viajou de motocicleta, ao lado de seu amigo Alberto Granado, pela América do sul. Essa viagem teve como rota a Argentina, o Chile, o Peru (a mais longa, e segundo o próprio Guevara, a mais produtiva das experiências dessa viagem), a Colômbia e a Venezuela. Essa experiência resultou em um diário de viagem onde podemos ver um Ernesto se transformando em Che. Guevara afirma que após as experiências vividas nessa viagem ele não é mais o mesmo; começa a aparecer a figura lendária que marcará sua história; a figura revolucionária.

Mas foi na Guatemala, segundo Eder Sader (2004), que Che Guevara decide pela luta armada. Guevara presenciou o golpe que promoveu a queda de Jacobo Arbez[[5]](#footnote-5).

A Guatemala vivia desde 1944 um momento de experiências reformistas, propostas pelo governo de Juan José Arévalo[[6]](#footnote-6), que, após a derrubada de uma ditadura militar, implanta reformas sociais nunca vistas antes na América Latina: abolição do trabalho forçado no campo, aumentos salariais, reforma agrária e liberdade para a organização dos trabalhadores, assim como um grandioso programa de assistência à população. E foi justamente por conta da intensificação dessas reformas pelo sucessor de Arévalo, Jacobo Arbenz, em especial o da reforma agrária (2% dos proprietários de terras detinham 70% de todas as terras do país[[7]](#footnote-7)), que uma oposição violenta foi organizada contra o governo da Guatemala. Os Estados Unidos, principal prejudicado com as reformas (a norte-americana United Fruit[[8]](#footnote-8) era dona de 164 mil hectares de terras na Guatemala), age prontamente e organiza um exército intitulado de exército de libertação da Guatemala, já que em sua propaganda acusa o governo popular da Guatemala de prejudicar a liberdade econômica do país. Pregando a necessidade de intervenção direta no governo da Guatemala (alegando que seus dirigentes caminhavam a passos largos para a implantação do comunismo, colocando a soberania de toda a América em jogo), os Estados Unidos se proclamaram os defensores da liberdade da América, legitimando, dessa forma, um ataque militar a Guatemala, utilizando-se para tal objetivo dos territórios dos países vizinhos (dependentes economicamente dos Estados Unidos), para servirem de base militar. Che presencia todo esse movimento e prontamente se dispõe a dar sua contribuição ao povo da Guatemala (a maioria da população defendia as reformas); queria lutar do lado do governo. Nessa época estava envolvido com o governo de Arbenz como um dos participantes de um programa de medicina popular em áreas indígenas.

O exército estadunidense ataca fortemente a Guatemala. Pela primeira vez Guevara sente na pele a barbárie causada pelo imperialismo, que, em nome da democracia, havia executado brutalmente os integrantes do governo popular, assim como os militares e civis que participavam da resistência ao ataque. Além de constatar que o imperialismo não possui limites em suas pretensões, Guevara observa também a fragilidade dos governos populares, assim como a impotência das burguesias nacionais na América Latina. A submissão dos homens frente às concessões dadas pelo imperialismo também assustou Guevara, pois países vizinhos, que em nada sofriam com as reformas na Guatemala, haviam participado do ataque ao governo populista daquele país, apenas com a promessa de eliminar a ameaça comunista da América, tendo para isso o apoio de suas populações que desconheciam totalmente o caráter social promovido pelas reformas populares que estavam sendo praticadas na Guatemala.

Para Guevara, nenhuma revolução suportaria o poder do ataque imperialista, a não ser que atacasse primeiro. Tudo o que o Che imaginou se comprovaria mais adiante, com os casos de Salvador Allende no Chile[[9]](#footnote-9), Frondizi[[10]](#footnote-10) na Argentina, e Goulart[[11]](#footnote-11) no Brasil. Nem a população e muito menos os governos populares ou burguesias nacionais fizeram frente à intervenção imperialista nesses países.

Depois da Guatemala Guevara passa por outros países: Equador, Panamá, Nicarágua e Costa Rica. Seu ultimo destino antes do encontro com os exilados cubanos seria o México.

Em seu exilio na México no ano de 1955 conhece os irmãos Castro, com maior intensidade e intimidade com Fidel Castro; a admiração entre os dois é mútua, em uma noite o destino de Guevara e da revolução cubana estariam traçados.

1. A Educação Revolucionária

Por meio da luta armada os revolucionários haviam derrotado as forças reacionárias de Fulgêncio Batista[[12]](#footnote-12), um governo títere apoiado pelo imperialismo estadunidense. Passa então a ser necessário à vitória ideológica da revolução cubana.

A sociedade capitalista educa os homens de acordo com a cultura dominante, que é a cultura da classe social dominante, no caso, a classe burguesa. Desde os primeiros anos de vida, cada cidadão recebe a influência do sistema capitalista: na arte, na política, na escola, na família, e em todas as esferas da sociedade. Suas relações são relações essencialmente mercantis e monetárias; seu trabalho está restrito à produção de mercadorias e tem por finalidade uma recompensa material-financeira: o salário. É assim que Che Guevara sintetiza a sua descrição da educação burguesa.

Se o sistema capitalista educa os homens de acordo com a sua cultura, em uma sociedade socialista a educação de seus cidadãos deve se ter como fundamento a própria cultura socialista e no período de transição entre as duas sociedades, a ênfase deve recair sobre os valores socialistas.

A ideia de uma sociedade socialista é naturalmente estranha à maioria da população de uma sociedade burguesa. Torna-se, pois, necessária a adesão de toda a massa trabalhadora ou, pelo menos, de grande parte dela para o triunfo definitivo da revolução. A educação revolucionária, segundo Guevara, faria com que os homens aceitassem com naturalidade a ideia de uma sociedade socialista.

A ideia capitalista da recompensa material era um dos alvos de crítica da educação revolucionária. Fazia parte dessa educação revolucionária, a formação do revolucionário socialista. Assim Guevara nos afirma:

Podemos tentar enxertar o ulmeiro para que dê peras, mas simultaneamente há de semear pereiras. As novas gerações virão livres do pecado original [...] a nossa tarefa consiste em impedir que a geração atual, deslocada por seus conflitos, se perverta e perverta as novas gerações (Guevara, 2009, pág. 69).

Che acreditava que a recompensa financeira, apresentada como a base do processo produtivo, barraria o desenvolvimento da revolução, pois o homem que é movido pela busca de tais recompensas não poderá de forma alguma tornar-se revolucionário, já que um revolucionário é guiado por sentimentos de responsabilidade para com a sociedade.

Podemos ver a preocupação de Che Guevara quanto à necessidade de despertar o senso de responsabilidade social junto aos homens, por meio da educação revolucionária, e evitar o desvio frente à revolução quando este afirma:

Resta um grande caminho a percorrer na construção da base econômica, e a tentação de seguir pelos caminhos do interesse material como alavanca impulsora de um desenvolvimento acelerado é muito grande [...] corre-se o perigo de que as árvores impeçam de ver o bosque [...] pode-se chegar a um beco sem saída[[13]](#footnote-13).

O sucesso armado da revolução cubana não garantia, de forma exclusiva, seu sucesso ideológico. Com tal pensamento Che Guevara irá propor uma mudança radical no conceito de homem existente no século XX. Para Guevara o homem do século XIX não era modelo para mais nada, assim como a decadência do homem capitalista do século XX promovia uma falência nas faculdades humanistas dos cidadãos de todo o mundo. Ambos são modelos clássicos do homem burguês movidos pelo caminho dos incentivos materiais. Se tais modelos de homem estavam falidos ou decadentes deveriam ser substituídos o mais rápido possível. A criação de um novo modelo de ser humano era extremamente necessária, o homem do século XXI, o “Homem Novo”. Este modelo de Homem Novo não surgiria espontaneamente da evolução social burguesa, ou por um propenso determinismo cosmológico; esse homem deveria ser trabalhado pela educação revolucionária, era esta educação revolucionária que Che Guevara propunha para Cuba.

Che acreditava que concretizar os esforços e anseios humanos era o maior dos desafios a serem enfrentados pela revolução. Era preciso trabalhar todos os dias para uma melhor compreensão e aperfeiçoamento interno das teorias revolucionárias para ampliar os conhecimentos acerca dos princípios da revolução socialista. Isto consiste em inquirir, averiguar e entender as razões das coisas do mundo, em especial a relação entre os homens.

* 1. **O movimento de Educação direta e indireta: educação e autoeducação.**

Para Che Guevara a formação humana tem caráter dúplice: primeiro ele existe como membro da comunidade (age como um ser genérico incorporado às leis e regras da sociedade); segundo, tem uma existência como ser único (natural). Em sua existência na comunidade este individuo é educado, a sociedade atua como educadora direta; em sua existência como ser único este mesmo indivíduo se autoeduca.

Guevara explica assim este movimento de educação externa e de autoeducação:

O indivíduo recebe continuamente o impacto de um novo saber social e percebe que não está totalmente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação direta, ele passa a acomodar uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora, ele se autoeduca[[14]](#footnote-14).

Ao propor a criação de um sistema de educação revolucionária, Guevara terá a preocupação de explicar que essa educação revolucionária tem por objetivo a formação de um Homem Novo, mas de forma alguma tal educação pode ser considerada como um maquinário para doutrinação. Tal sistema funcionária da seguinte forma; o homem recebe a educação direta, sua consciência passa a agir na aprovação de tal educação, o que não é instantâneo (necessita de reflexão). Neste momento ele recebe a influência da sociedade em que está inserido e passa a acreditar que essa influência é verdadeira. Ele passa então a se autoeducar. Guevara legitima este sistema afirmando que o esclarecimento convence simplesmente por que é verdadeiro.

A influência recebida da sociedade revolucionária (a sociedade pós-revolução) seria uma forma de educação, Guevara chama esta educação de educação comunitária; seria então o momento em que o homem recebe a educação vinda dos ensinamentos adquiridos na conjuntura revolucionária. A intenção é transformar a sociedade em processo de transição revolucionária em uma grande escola. Já a autoeducação seria um índice do êxito da educação comunitária (a educação direta). É a partir dela que o homem irá tomar consciência de suas tarefas junto à revolução. A última e mais importante tarefa do movimento de autoeducação seria libertar o homem de seus grilhões históricos, não apenas de seus grilhões materiais (para Che não era apenas a satisfação das necessidades básicas o motivo da luta revolucionária, mas sim o espírito humanista), como também os grilhões de sua consciência; libertar o homem de sua alienação.

Löwy (2012) observa, em sua investigação sobre o plano de Guevara quanto à educação revolucionária, que após o primeiro momento de reforma educacional em Cuba (onde houve certo grau de rejeição), não havia mais tanta resistência quanto a esta forma de educação comunitária. Percebendo tais resultados, Che Guevara comenta:

O indivíduo de nosso país sabe que a época gloriosa em que lhe é dado viver é de sacrifícios: ele conhece os sacrifícios. Os primeiros o conheceram na Sierra Maestra e onde quer que se tenha lutado; depois o conhecemos em toda Cuba [[15]](#footnote-15).

Guevara acreditava que o exemplo revolucionário da vanguarda guerrilheira havia tido êxito em um primeiro momento. Assim reafirma seu discurso de que este conceito de educação (educação revolucionária) era extremamente necessário, pois nada se pode falar de liberdade sem a liberdade de fato que só aparece com o fim da sociedade dividida em classes. Com efeito, para Che não há liberdade em lugar algum do mundo, somente com a criação do Homem Novo surgiria á liberdade, e esse Homem Novo ainda estava em processo de formação em Cuba.

1. A Reforma Universitária

Se a educação direta representava a educação de crianças e jovens para a formação do homem socialista, a reforma universitária consistia no segundo objetivo da educação revolucionária: a produção da técnica.

Sobre este tema, utilizaremos o artigo de Che Guevara intitulado “*Reforma Universitária e Revolução”*, Guevara tratará, nesse texto, de como o governo revolucionário agiria junto às universidades. O texto se inicia da seguinte forma:

É evidente que um dos grandes deveres da universidade é implantar suas práticas profissionais no seio do povo, e é evidente também que para levar estas práticas organizadamente ao seio do povo é necessária a ajuda orientadora e planificadora de algum organismo estatal, já que atualmente para realizar qualquer obra em qualquer lugar da república, três, quatro ou mais organismos são necessários; recentemente, está se iniciando no país a tarefa de planificar o trabalho e não dilapidar esforços[[16]](#footnote-16).

Desta forma, a intervenção do Estado junto ao sistema universitário, assim como a participação de outros organismos, como o partido revolucionário, por exemplo, são incentivados por Che Guevara.

As universidades acusarão tal objetivo como falta de autonomia. O problema a ser enfrentado residia no fato de que o sistema universitário cubano há muito tempo já havia recebido a influência do individualismo burguês dominante na sociedade capitalista, intensificado, ainda mais, no antigo governo títere de Batista[[17]](#footnote-17).

A atitude de propor a orientação do Estado junto ao sistema universitário a fim de promover as teorias socialistas, tomada por Che Guevara, fora encarado como desrespeito às individualidades humanas em favor do Estado. Para os dirigentes das universidades, as individualidades eram necessárias para que os homens se realizassem e decidissem seu futuro.

Á respeito desta questão, Che responde:

Quem tem o direito de decidir que apenas podem se formar dez advogados por ano e que devem se formar cem químicos industriais? Isto é ditadura, está bem, ditadura. Mas a ditadura das circunstâncias terá o mesmo caráter que a ditadura que existia antes da reforma do vestibular ou pagamento de matrícula ou exames que iam eliminando os menos capazes? [[18]](#footnote-18)

Che Guevara afirma, assim, que as individualidades burguesas promoviam uma ditadura aberta, a ditadura da burguesia; assim como faziam parte das bases estruturais do sistema capitalista, maléficas às pretensões socialistas de Cuba. O sistema de seleção existente anterior à revolução excluía os menos favorecidos, pois estes não possuíam as mesmas condições para adquirir a cultura que os mais favorecidos possuíam. Esse abismo deveria ser eliminado e um novo sistema de seleção mais justo construído.

Sobre a relação do estranhamento entre o governo e os dirigentes universitários, Che afirma:

Se a universidade se trancar no interior dos seus muros e continuar a formar advogados[[19]](#footnote-19), ou toda uma série de carreiras que não são tão necessárias no momento, se continuarem nesta tarefa, então teremos de formar algum outro tipo de organismo técnico. [[20]](#footnote-20)

Se no país não existem condições nem trabalhadores técnicos em todas as áreas, a revolução socialista se encontraria em apuros. Somente trabalho simples e boa vontade de uns poucos revolucionários não suprirão as necessidades da população. Che afirma que quando o novo governo revolucionário tentou procurar quem logicamente poderia ajudar na formação dos técnicos, as Universidades, se depararam com discussões bizantinas que, se não fossem superadas, destruiriam a capacidade de criação que estes centros possuem. Acreditava que tal atitude liderada pelos dirigentes universitários, configurava-se como o desespero de uma classe que não quer perder seus privilégios frente à outra classe que será beneficiada. Então sua justificativa para a reforma ganha um novo componente, a luta de classes:

Devemos dizê-lo para alertar todos os estudantes revolucionários, para que possam ver que a luta desta classe **(os dirigentes universitários)**[[21]](#footnote-21) é a simples expressão daquilo que tentamos fazer desaparecer em Cuba, que é a luta de classes; quem se opõe a que um grande número de estudantes de origem humilde adquira os benefícios da cultura, está tentando exercer um monopólio de classe sobre esta [[22]](#footnote-22).

Com a aceitação por parte destes, Guevara, na condição de Ministro da indústria cubana, passa a formular um plano ousado de industrialização do país, tendo como base o aperfeiçoamento da técnica. Cursos tecnológicos passam a ser ofertados pelas universidades e centros de tecnologia, em maior quantidade e de acordo com as necessidades industriais de Cuba. Sua tentativa, ao criar este plano de industrialização, residia na busca por criar as condições materiais para que Cuba resistisse, em um futuro próximo, a retaliações econômicas impostas pelos Estados Unidos[[23]](#footnote-23).

Assim nos fala, em seu artigo *Soberania Política e Independência Econômica*:

Não podemos afirmar diante dos túmulos de nossos mártires que Cuba é independente economicamente [...] Cuba será independente quando tiver desenvolvido todos os seus meios, todas as suas riquezas naturais e quando tiver, por meio de tratados de comércio com todo o mundo, a certeza de que não poderá haver ação unilateral de nenhuma potência estrangeira para impedi-la de manter seu ritmo de produção [...] dentro da planificação que estamos pondo em prática[[24]](#footnote-24).

Che não viveu o suficiente, para ver o auge do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos[[25]](#footnote-25). O certo que ele sabia que a afirmação de uma revolução socialista sobre as bases de uma antiga sociedade individualista era algo que exigiria um esforço maior que a luta armada nas selvas da ilha. Seu plano, além de econômico, deveria ser ético: ter como objetivo a formação técnica dos homens sem separá-los das ideias humanistas, com a clara intenção de tornar o modelo socialista atraente ao povo, não por produzir bens de consumo, mas por produzir a satisfação de viver em uma sociedade independente, longe dos mandos e desmandos impostos pelo mercado mundial. É nesse contexto que o modelo “socialista” existente na Europa oriental passa a receber duras críticas de Che Guevara, pois para ele os dirigentes desses países utilizavam-se das bases capitalistas de produção para que as forças produtivas continuassem o processo de industrialização da mesma forma que assim o faziam as potências capitalistas. (Em certos casos Guevara afirma que as condições de produção dos países “socialistas” eram mais capitalistas que a de alguns países industrializados, acreditando estes, erradamente, que dessa forma poderiam tornar o socialismo atraente para o povo)[[26]](#footnote-26).

As necessidades cubanas obrigavam a uma saída revolucionária para os problemas econômicos. Que fossem formados técnicos cubanos em todas as áreas e em grande escala e que tais técnicos deveriam partir para o trabalho real, concreto. O trabalho manual, que Che chamava de real e concreto, deveria ser encarado não como um fardo insuportável como o era na sociedade capitalista, mas sim uma obrigação para com toda a nação. Uma vez realizada esta obrigação social era inevitável o surgimento de um sentimento de realização pessoal.

**Conclusão**

A conclusão a que chegamos ao analisar a ideia de educação revolucionária de Ernesto Che Guevara é a seguinte: não se pode imaginar um mundo melhor sem que os homens que nele habitam também sejam melhores do que os homens de hoje; se não modificarem os princípios e a moral de cada sociedade, não haverá tais mudanças, nada ocorrerá sem a participação dos homens. Em todas as áreas do pensamento de Ernesto Che Guevara, o homem é a ferramenta principal, assim como o objetivo de todos os esforços empreendidos.

Che Guevara é uma bandeira de rebeldia frente a sistemas corruptos e injustos em todo o mundo, sua imagem está diretamente ligada á movimentos que lutam contra tais sistemas. Mas o que faz do Che este símbolo de rebeldia não está restrito apenas a sua vida revolucionária (apesar de ser essa, sem sombra de dúvidas, uma das respostas para tal pergunta), mas também a sua obra teórica que ultrapassa a mera admiração estética e biográfica; Che Guevara ultrapassa a condição de mártir; ele é um pensador que exaltará o marxismo até as ultimas consequências para construir uma sociedade mais justa. Assim o próprio Guevara nos afirma em uma de suas cartas endereçadas a seus pais: “*Nada mudou na essência, só que sou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e depurado [...] Muitos dirão que sou aventureiro, eu sou de fato, só que de um tipo diferente, daqueles que entregam a pele para demonstrar suas verdades*”. (Guevara, 2004, pág. 297).

O homem do século XX, imagem do homem burguês, não interessa em uma sociedade socialista, com efeito, um homem que o substitua deve ser tentado, mas só será tentado em uma sociedade que não traga requisitos da sociedade capitalista; além disso, é necessário que este homem seja educado para os princípios revolucionários propostos na sociedade socialista.

Che Guevara não só pensou no homem novo, o homem socialista, ele teve a oportunidade de trabalhar esse homem novo. Este homem socialista deveria ser construído a partir de uma educação revolucionária, é esta educação que Che Guevara irá propor e tentar em Cuba. Tal educação não se restringe apenas aos muros das escolas, a educação revolucionária atinge toda a sociedade; assim como atinge os homens em sua condição de ser duplo: o atinge em sua vida natural e em sua vida genérica.

É necessário conhecer o pensamento de Che Guevara, pois tal pensamento é o testamento intelectual da revolução cubana. Assim Michael Löwy apresenta como pensa Fidel Castro a respeito da filosofia de Che Guevara:

Os escritos de Che, o pensamento político e revolucionário de Che terá um valor permanente no processo revolucionário cubano e no processo revolucionário da América latina. E não duvidamos que o valor de suas ideias, das suas ideias como homem de ação, como intelectual, como homem de superiores virtudes morais, como homem de incomparável sensibilidade humana, como homem de conduta irrepreensível, têm e terão valor universal” (Löwy, apud Castro, 2012, pag. 19.).

Che Guevara é sem dúvidas uma das principais figuras do século XX, sua importância lhe coloca como objeto de estudo em diversas áreas. Segundo Jean Paul-Sartre[[27]](#footnote-27) “*O mais completo homem de sua época*”, e segundo Flávio Tavares[[28]](#footnote-28) “*Alguém capaz de renunciar de tudo e lutar no Congo, logo na Bolívia, para não se transformar em Cuba num burocrata da revolução ou num inútil burocrata da utopia*”. Apresentou a revolução social como algo que ultrapassa a política. Che Guevara pensou e apresentou o Homem Novo ao mundo, esse era seu grande objetivo teórico, não há dúvidas, o Homem Novo foi ele.

**Referências**

ALMEIDA, Francisco Ádila F. **O Humanismo Revolucionário de Ernesto Che Guevara e as questões econômicas na formação do Homem Novo**. Universidade Estadual do Ceará, Sistema de bibliotecas. Fortaleza/Ce. 2015.

DEUTSCHER, Isaac / **Marxismo, Guerras e Revoluções: Ensaios de quatro décadas**, [tradução: Renato Aguiar]. -São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

GUEVARA, Ernesto Che / **De moto pela América do sul – Diário de viagem.** – São Paulo: Ed. Sá / Rosari, 2001. 192p; 14x21cm.

GUEVARA, Ernesto Che / **Diário**, [tradução: Olinto Beckemam]. – 9°Ed. São Paulo: Global, 2009.

GUEVARA, Che / **Textos econômicos**. – Edições Populares. - São Paulo, 1982.

GUEVARA, Che / **Textos políticos**, [tradução: Olinto Beckemam].- 4°Ed. – São Paulo: Global, 2009.

GUEVARA, Che / **Textos revolucionários**, [tradução: Olinto Beckemam].- 4°Ed. – São Paulo: Global, 2009.

LÖWY, Michael / **O pensamento de Che Guevara**. — 2° Ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2012. 144p.

MARX, Karl / ***Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843***; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2.ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

SADER, Eder (org.) / **Che Guevara – política** --1ª edição, Ed. Expressão Popular -2004. 304p.

TAVARES, Flávio / **Meus 13 dias com Che Guevara: (O homem – mito que conheci e retratei)**. – 2 Ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

1. \*Este texto foi produzido a partir da pesquisa de Francisco Ádila Ferreira de Almeida***, “O humanismo revolucionário de Ernesto Che Guevara e as questões econômicas na formação do homem novo”***, apresentado como requisito para a obtenção do titulo de graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em [www.uece.br/bibliotecas](http://www.uece.br/bibliotecas). O texto tem como base o pensamento filosófico de Che Guevara a respeito da educação do homem socialista (Homem Novo). [↑](#footnote-ref-1)
2. \*\* Professor substituto de filosofia da rede estadual de ensino do estado do Ceará. Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, UECE. E-mail: adilaceara@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)
4. Apresentasse como substituição de argumento, nesse contexto, o argumento socialista em substituição ao argumento capitalista. [↑](#footnote-ref-4)
5. Jacobo Arbenz Guzmán ([1913](http://pt.wikipedia.org/wiki/1913) – [1971](http://pt.wikipedia.org/wiki/1971)) seu governo foi alvo de [golpe de estado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Golpe_de_estado) organizado pela [CIA](http://pt.wikipedia.org/wiki/CIA) que instalou uma [ditadura militar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar) no [país](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%ADs). Arbenz governou a Guatemala de [1951](http://pt.wikipedia.org/wiki/1951) à [1954](http://pt.wikipedia.org/wiki/1954). [↑](#footnote-ref-5)
6. Juan José Arévalo Bermejo ([1904](http://pt.wikipedia.org/wiki/1904) -[1990](http://pt.wikipedia.org/wiki/1990)) foi [presidente da Guatemala](http://pt.wikipedia.org/wiki/Presidente_da_Guatemala) de [15 de Março](http://pt.wikipedia.org/wiki/15_de_Mar%C3%A7o) de [1945](http://pt.wikipedia.org/wiki/1945) a [15 de Março](http://pt.wikipedia.org/wiki/15_de_Mar%C3%A7o) de [1951](http://pt.wikipedia.org/wiki/1951).  Arévalo concluiu o seu período presidencial, apesar de ter sofrido mais de 20 tentativas de golpe pela oposição. [↑](#footnote-ref-6)
7. ***Che Guevara: Política*** / Eder Sader (org.) — 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. [↑](#footnote-ref-7)
8. A United Fruit Company foi, muito provavelmente, a mais poderosa empresa multinacional da América. Atuava na área de frutas cítricas e, em maior escala, bananas. Durante grande parte do século XX foi á empresa estadunidense de maior influencia nas democracias subdesenvolvidas da América Latina em especial na Guatemala, na Colômbia e no Equador. Seus dirigentes tinham livre acesso aos altos escalões da CIA e do governo estadunidense. [↑](#footnote-ref-8)
9. Salvador Allende Gossens ([1908](http://pt.wikipedia.org/wiki/1908)-[1973](http://pt.wikipedia.org/wiki/1973)), fundador do [Partido Socialista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Socialista_do_Chile) chileno, governou seu país de 1970 á 1973, quando foi deposto por um [golpe de estado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Golpe_de_estado_no_Chile_em_1973) liderado por seu chefe das Forças Armadas, [Augusto Pinochet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Pinochet). [↑](#footnote-ref-9)
10. Arturo Frondizi Ercoli ([1908](http://pt.wikipedia.org/wiki/1908)-[1995](http://pt.wikipedia.org/wiki/1995)) presidente argentino de  [1958](http://pt.wikipedia.org/wiki/1958) á [1962](http://pt.wikipedia.org/wiki/1962).  Um [golpe militar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Golpe_militar) em 1962  o destituiu da presidência. [↑](#footnote-ref-10)
11. João Goulart (1919-1976), presidente do Brasil de 1961 á 1964. Deposto por um golpe militar no ano de 1964. [↑](#footnote-ref-11)
12. Fulgêncio Batista (1901-1973). Governou Cuba de 1933 a 1959. [↑](#footnote-ref-12)
13. ***Che Guevara: Política*** / Eder Sader (org.)1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004*.* ***O socialismo e o homem em cuba****.* Pag. 253. [↑](#footnote-ref-13)
14. Ibid. Pag. 225. [↑](#footnote-ref-14)
15. Ibid. Pag. 265. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ibid, pag. 259. [↑](#footnote-ref-16)
17. Fulgêncio Batista (1901-1973). Governou Cuba de 1933 a 1959. [↑](#footnote-ref-17)
18. ***Che Guevara: Política*** / Eder Sader (org.), 1ª ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2004*.* ***Reforma universitária e revolução***. Pag*.* 282. [↑](#footnote-ref-18)
19. Che faz alusão, nesta passagem, à profissão mais procurada pela elite cubana. [↑](#footnote-ref-19)
20. ***CheGuevara: Política /*** Eder Sader (org.), 1ª ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2004*.* ***Reforma universitária e revolução****,* pag. 282. [↑](#footnote-ref-20)
21. Grifo nosso. [↑](#footnote-ref-21)
22. ***Che Guevara: Política /*** EderSader (org.), 1ª ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2004: ***Reforma universitária e revolução***, pag. 283. [↑](#footnote-ref-22)
23. Quanto a esse tema analisar o embargo econômico dos Estados Unidos sobre Cuba em 1962. [↑](#footnote-ref-23)
24. ***Che Guevara: Política /*** EderSader (org.), 1ª ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2004: ***Reforma universitária e revolução***, pag.. Pag.147. [↑](#footnote-ref-24)
25. Trata-se do período pós-desmoronamento da URSS. [↑](#footnote-ref-25)
26. Segundo Che Guevara, em sua comunicação aos trabalhadores cubanos durante a premiação de honra ao trabalho voluntário em 05 de dezembro de 1964 e publicado no Brasil pela editora edições populares com o titulo de “O plano e o Homem” (GUEVARA, Che / **Textos econômicos**. – Ed. Edições Populares. - São Paulo, 1982), esta era a posição do Estalinismo, utilizada pelos países socialistas do Leste europeu que sofriam diretamente sua influência. Por conta dessa posição o Che se colocava inclinado ao sistema socialista chinês perante o soviético. [↑](#footnote-ref-26)
27. Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905 – 1980) filósofo, escritor e crítico francês, principal representante do existencialismo na França. [↑](#footnote-ref-27)
28. Flávio Freitas Hailliote Tavares, Premiado jornalista e advogado brasileiro. [↑](#footnote-ref-28)